

RELAÇÕES POSSÍVEIS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COM A SÓCIO-ECONOMIA SOLIDÁRIA

Leonir Amantino Boff¹

Aleido Díaz Guerra²

Geovane Paulo Sornberger³

RESUMO: O texto propõe algumas reflexões a respeito de relações e interações possíveis entre Educação de Jovens e Adultos e Sócio-Economia Solidária numa perspectiva de integrar solidariamente educação e trabalho, atividades historicamente dicotomizadas. A experiência desenvolvida com o “Empreendimento Mulheres Solidárias” permitiu perceber ricas interações entre Educação de Jovens e Adultos e Sócio-Economia Solidária sem haver sobreposições entre uma e outra. Pelo contrário, ambas se complementam e se enriquecem mutuamente, mobilizando outras dimensões importantes da vida humana, para além da educação e do trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens e Adultos; Sócio-Economia Solidária; Empreendimento Mulheres Solidárias; Relações Possíveis.

ABSTRACT: The text considers some possible reflections regarding relations and interactions between Adult Young Education of e and Solidary Partner-Economy in a perspective to integrate education and work solidarily, activities historically dichotomized. The experience developed with the “Enterprise Solidary Women” had allowed to perceive rich interactions between Young Education of Adult and Solidary Partner-Economy without having overlappings between one and another one. For the opposite, both are complemented and if they enrich mutually, mobilizing other important dimensions of the life human

¹ Professor de Filosofia da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, lotado no Departamento de Pedagogia do Campus Universitário de Sinop, e desenvolve atividades de pesquisa e extensão nas áreas da EJA, Educação do Campo e Economia Solidária. E-mail: leonirboff@yahoo.com.br

² Professor-pesquisador, coordenador do Grupo “GASEA”, lotado no Departamento de Economia da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, Campus Universitário de Sinop. E-mail: aleidod@gmail.com

³ Professor de Contabilidade da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, lotado no Departamento de Ciências Contábeis do Campus Universitário de Sinop, e também desenvolve atividades de pesquisa do Grupo “GASEA”. E-mail: geovane2103@yahoo.com.br

being, stops beyond the education and of the work.

KEY WORDS: Young and Adult Education; Solidary Sócio-Economia; Enterprise Solidary Women; Possible Relations.

Várias tendências educacionais reclamaram e propuseram uma relação mais próxima e mais direta com a realidade concreta da vida dos sujeitos em processo de formação escolar⁴. Essa reivindicação torna-se coerente e justa se consideramos que a organização da vida local e as relações que a constituem é base que fundamenta a construção material e simbólica da pessoa humana, que se prolonga na medida em que a pessoa humana se espraia socialmente e culturalmente⁵.

Além do que, a sustentabilidade da vida humana socialmente integrada e justa, ecologicamente equilibrada, economicamente viável e duradoura, requer uma constante vigilância e minucioso investimento na base local, considerando suas diversidades, potencialidades e fragilidades.

As práticas de exploração irresponsáveis sem a preocupação com manejo e reposição dos recursos naturais, porque existe a perspectiva de novas fronteiras a serem abertas e exploradas com a mesma lógica, está conduzindo à condição de esgotamento das reservas naturais do planeta e à destruição das condições necessárias para a continuidade da espécie humana no planeta Terra (BOFF, 1999).

Pensar o projeto de vida a partir do local e suas condições não quer significar o fechamento das possibilidades e de horizontes nos limites do local. Pretende-se apenas tomar o local como ponto de partida fundante da vida, e é dele que depende a satisfação primeira de nossas necessidades. Além do que, o agir será sempre um agir local, mesmo que seja às vezes de forma fugaz e implique o global. A educação de modo geral, e a EJA em

⁴ Dentre as quais, lembramos da proposta e ideário educacional de Paulo Freire.

⁵ Freire indica que a leitura do mundo antecede a leitura da palavra, de que o ponto de partida é a realidade que o contorna, que o envolve, mas a leitura da palavra amplia e problematiza a leitura de mundo inicial, e ao problematizar a consciência, amplia seu horizonte e a expande para uma nova leitura de mundo. De sorte que, a pessoa humana situa-se num processo de fazer-se sempre, porque historicamente sempre inacabada.

particular, tem um papel fundamental na construção das bases de entendimento e de organização para a construção de um projeto que considere esses aspectos. Basta lembrar dos “círculos de cultura” desenvolvidos por Freire e outros educadores populares, os movimentos de alfabetização e os movimentos de educação popular, cujo ponto de partida quase sempre é a realidade dos sujeitos que dela participam.

Historicamente, a educação de modo geral, e até mesmo a EJA e a Educação Popular, vêm contribuindo para o desenvolvimento da criticidade, para a construção da consciência de direitos, de participação etc., mas não têm contribuído suficientemente para uma projeção econômica autonomamente organizada e produtivamente duradoura em muitos agrupamentos sociais nos meios populares. Como afirma Moura (2003, p. 32), a respeito da Proposta Educacional de Apoio ao Desenvolvimento sustentável desenvolvida em vários municípios do Agreste Pernambucano:

As comunidades apoiadas, mesmo com os avanços ideológicos, políticos, organizativos de suas lideranças, não conseguiam resultados econômicos. As lideranças sabiam muito bem criticar a distribuição das riquezas, mas não conseguiam avançar na produção das mesmas. Os grandes líderes das pastorais, dos sindicatos, dos movimentos sociais do meio rural, em geral tinham as mais fracas propriedades e a produção mais ineficaz. Foi bem identificado o primeiro desafio: como fazer para que as comunidades que recebiam o apoio financeiro, organizativo, religioso, social pudessem ter impacto na vida econômica como tinham em outros aspectos? Os meios, as estratégias, os conhecimentos desenvolvidos pelas lideranças impactavam muito os capitais humano e social. As pessoas evoluíam muito, aprendiam a lutar pelos seus direitos, a se organizar para debater os problemas, para conhecer as leis e a bíblia, para reivindicar serviços públicos, para conquistar espaços políticos, mas a produção e o uso de tecnologias mais apropriadas não avançavam⁶.

⁶ Os impactos da modernização na agricultura camponesa na América Latina. Coletânea de publicações da Fundação Progresso para o Homem – FPH, um caderno sobre cada país na América Latina, publicado em Santiago do Chile, em 1991, com 77 entrevistas feitas com lideranças de organização camponesa.

Parece existir aí um ponto de articulação importante entre EJA e Sócio-Economia Solidária⁷, que pode avançar no campo da organicidade, da crítica e da consciência dos direitos, no campo da organização do trabalho, da produção e da geração de renda. Quem sabe, tornar possível a Sócio-Economia solidária, juntamente com a EJA, como uma ferramenta pedagógica. Para Singer (2005, p. 16)

[...] a pedagogia da Economia Solidária requer a criação de situações em que a reciprocidade surge espontaneamente, como o fazem os jogos cooperativos. Importa aqui menos o aprendizado do comportamento adequado do que o sentimento que surge da prática solidária. Tanto dando como recebendo ajuda, o que o sujeito experimenta é afeição pelo outro e este sentimento para muitos é muito bom. Tanto em competir como em cooperar, o sujeito sente-se feliz. Só que no primeiro caso, essa felicidade só é completa se ele vence e demonstra sua superioridade sobre os demais. No último, a felicidade é gozada toda vez que se coopera, independente do resultado.

Mas como tornar isso possível? Para Freire (1999), uma proposta educativa para ser autenticamente educadora precisa ser transformadora. Transformar significa transcender, modificar, reorganizar, redimensionar a forma atual existente, ou seja, o “*status quo*”. A transformação perpassa os sujeitos nas suas maneiras de pensar, sentir, orientar suas ações, seus valores, posicionamentos políticos, suas ideologias, mas também alcança as relações, os valores e poderes que as constituem, para enfim, alcançar o próprio projeto que se pretende para a sociedade humana, mesmo que seus efeitos sejam sentidos, num primeiro momento, apenas num campo bastante restrito. Por essa razão, se num primeiro momento a transformação parece individual e localizada, num momento posterior ela pode se tornar globalizante.

Outro aspecto a ser considerado para a consecução acima apontada, é de que a educação autenticamente concebida e orientada precisa

⁷ Necessidade e possibilidade de construção e configurações sociais distintas das formações sociais hegemônicas organizadas sob a lógica do capitalismo globalizado. Laudemir Luiz Zart, Cáceres: Unemat, 2004.

problematizar os contextos da vida dos sujeitos que participam dela, suas condições e possibilidades. Entender as condições materiais conforme preconizou Marx, bem como as condições culturais e simbólicas na perspectiva que Freire (1992) discute, é alicerce para ação humana individual ou coletivamente bem orientada. As possibilidades por sua vez são vislumbradas ou construídas a partir do conjunto dos elementos que compõem a leitura das condições materiais, culturais e simbólicas.

Nesse campo, a EJA pode contribuir significativamente, uma vez que pelas aprendizagens críticas da leitura e da escrita, bem como dos conhecimentos das diversas ciências e de suas instrumentalizações metodológicas, a mesma tem condições de problematizar sobremaneira essas duas dimensões que se implicam no desenvolvimento da vida social e na história.

É muito importante que as pessoas compreendam como se organiza a economia local e a sociedade onde vivem, quais as relações de trabalho estabelecidas naquele contexto, quais as condições naturais e organização social/política ali existente. Enfim, como a vida acontece, se desenvolve, e em que condições? As possibilidades são vislumbradas e construídas a partir da compreensão que se tem de todas essas questões e das potencialidades existentes, elas não podem resultar de um exercício puramente imaginário. E se por ventura resultarem disso, certamente terão pouca ou quase nenhuma consistência. A imaginação é muito importante, contudo deve ser utilizada para encontrar soluções e construir alternativas e projetos a partir de uma realidade que é vivencial e concreta, e que apresenta determinadas condições.

As possibilidades podem ser vislumbradas ou os projetos serem construídos em muitas perspectivas, considerando e valorizando dimensões diversas da vida humana e perspectivas sociais e econômicas diferentes. Para nós, pensar em possibilidades e projetos que valorizem o indivíduo humano e a sociedade humana na perspectiva ética, estética, política, espiritual, epistemológica e economicamente integrada na sua humanidade e com as demais formas de vida e de seres existentes na natureza, é ao mesmo tempo desafio e horizonte.

Nessa perspectiva apresenta-se para nós a sócio-economia solidária. Embora sua discussão fundamental esteja no campo econômico, seu princípio fundamental contribui para a consecução das demais dimensões humanas, sociais e ecológicas. Conforme Singer (2005, p. 14) apresenta,

A Economia Solidária foi concebida como um modo de produção que tornasse impossível a divisão da sociedade em classe proprietária dominante e uma classe sem propriedade subalterna. Sua pedra de toque é a propriedade coletiva dos meios sociais de produção (além da união em associações ou cooperativas dos pequenos produtores). Na empresa solidária, todos que nela trabalham são seus donos por igual, ou seja, têm os mesmos direitos de decisão sobre o seu destino. E todos os que detêm a propriedade da empresa necessariamente trabalham nela.

Uma experiência neste sentido, e que merece cuidado reflexivo, pode ser o exemplo da Associação comunitária no Bairro de Chácaras Nossa Senhora de Fátima, na cidade de Sinop - MT instituída há alguns anos. Essa Associação adquiriu, por meio do PADIC⁸, uma farinheira e um conjunto de máquinas de costura, de boa qualidade e que não haviam sido devidamente aproveitadas pela comunidade e pela Associação. Através da alfabetização, um grupo de mulheres foi provocado a desenvolver um empreendimento sócio-econômico solidário, aproveitando as máquinas ali disponíveis. Muitas reuniões foram feitas até o grupo “Empreendimento Mulheres Solidárias”⁹ ser constituído e o Empreendimento desenvolver-se.

Concomitantemente ao curso de alfabetização, aproveitando a mesma alfabetizadora¹⁰ que tinha conhecimento e prática com malharia, iniciou-se o processo de capacitação das mulheres em corte costura. O processo capacitação das mulheres foi organizado a partir de dois momentos

⁸ Programa de incentivo às associações e comunidades desenvolvido no Governo do Estado de Mato Grosso, na gestão do governo Dante de Oliveira.

⁹ O “Empreendimento Mulheres Solidárias” nome dado ao empreendimento sócio-econômico solidário, teve seu início com a oferta de um curso de alfabetização de jovens e adultos, pelo SESI e financiado pelo Programa Brasil Alfabetizado do Governo Federal no ano de 2005, e foi desenvolvido com um grupo de mulheres no Bairro de Chácaras Nossa Senhora de Fátima, na cidade de Sinop – MT, e sua atividade econômica é relativa à produção pela costura.

¹⁰ A alfabetizadora era Arlinda Stinger, acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Campus Universitário de Sinop, militante na EJA, e que, para o trabalho de conclusão de curso, tinha como tema de pesquisa a Educação de Jovens e Adultos.

complementares. O primeiro momento pretendia fazer com que o grupo de mulheres entendesse, no coletivo, todo o processo de produção: das atividades necessárias para confeccionar um produto; os tipos de instrumentos para desenvolver as atividades; os tipos de máquinas e suas funções específicas; os tipos de tecidos, fios, produtos possíveis de serem confeccionados etc. O objetivo era conduzir as mulheres ao entendimento do processo da produção como um todo, e que, posteriormente nos grupos de trabalho, cada função e atividade a ser desenvolvida cumpriram um momento importante na confecção dos produtos. No segundo momento, organizado em dois grupos, passou-se a capacitar as mulheres nas atividades específicas de corte e costura. Cada uma das mulheres experimentava desenvolver cada uma das atividades necessárias do processo de produção. Feito isso, cada mulher escolhia uma das atividades em que, no primeiro momento, melhor se adaptasse, e poderia desenvolver com mais aptidão. Feita a escolha, cada qual aperfeiçoaria suas habilidades naquela atividade, sob orientação da professora Arlinda.

Posteriormente aos dois primeiros momentos de capacitação, avançou-se para a formação dos grupos de produção, processo de comercialização aproveitando o sistema de feiras e outras formas de venda. Tudo isso acompanhado por reuniões e encontros para entender o que era e como organizar e desenvolver um empreendimento sócio-econômico solidário, que acabavam se tornando encontros de formação e de educação de jovens e adultos.

A constituição dos grupos de produção implicava no atendimento de diversas particularidades: diversidade de domínio de conhecimento prático das atividades de corte e costura das mulheres participantes; considerar as habilidades desenvolvidas pelas mulheres relativas às atividades específicas de corte e costura, a fim de compor os grupos de produção; organização dos tempos das mulheres componentes de cada grupo de produção, tendo que considerar a organização da vida cotidiana das mesmas, o tempo destinado à produção no empreendimento sócio-econômico solidário, o tempo destinado à alfabetização e ao estudo escolar, o tempo destinado à

organização da vida familiar, algumas mulheres também desenvolviam outras atividades remuneradas.

Todo esse exercício era feito coletivamente, o que exigia das mulheres reflexão, raciocínio e certo planejamento na sua organização de vida. A vida das mulheres que na sua maioria era doméstica e simples passou a compor-se por elementos de complexidade, devido à diversificação de compromissos que passariam a assumir.

Posteriormente o grupo demandava outros aspectos de formação como cursos para qualificar o sistema de produção e melhorar o padrão de qualidade dos produtos, cursos de comercialização, cursos de gestão e contábil, entre outros. Todos eles a serem desenvolvidos com a perspectiva da lógica e organização da Sócio-Economia Solidária evidentemente.

Em um ambiente de cooperativismo, um dos campos de atuação da Sócio-Economia Solidária, entende-se que à medida que se tornam mais complexas as operações de modo geral, necessitam os cooperados de instrução adequada para a correta gestão do empreendimento. Conforme Arruda (2000), já os Pioneiros de Rochdale já dedicavam 2,5% de todo excedente à educação dos associados. Eram tempos em que não existia educação pública oficial, com o caráter geral (ou quase...) que conhecemos hoje. Nem havia qualquer preocupação com a educação da classe trabalhadora que, na época, como agora, constituía a imensa maioria dos sócios das cooperativas. Por este motivo, aquele percentual de 2,5% ia para a atividade educativa e também para a cultura geral - formação de bibliotecas, assinatura de jornais e revistas, atividades culturais.

Num contexto, em que os sistemas cooperativos surgem justamente para se opor aos sistemas tradicionais regidos pelo capitalismo que impõe de forma implacável noções de competitividade como forma de se manter em atividade, é primordial o aperfeiçoamento constante das práticas que envolvem uma atividade. É nesse sentido que a EJA vem contribuir com a economia-solidária, transformando ou pode-se dizer integrando ao mesmo tempo os espaços, antes preocupados apenas em produzir, com um processo contínuo de aprendizado, tudo dentro dos moldes do cooperativismo.

Por sua parte, o “Empreendimento Mulheres solidárias” foi constituindo um espaço de educação de jovens e adultos permanente. Produziram-se a partir dele, interações que ultrapassavam o campo da produção econômica específica e passavam a alcançar outras dimensões da vida, como: confraternizações de aniversários, festas comunitárias, o cuidado das mulheres com a sua beleza e saúde, a preocupação de cuidado com o ambiente de trabalho e do bairro onde moram, entre outros.

Segundo Arruda (2000), os princípios da educação cooperativa se distinguem da educação tradicional, no sentido de que os primeiros são voltados ao desenvolvimento dos membros para atuar em uma sócio-economia que se baseia nos valores da cooperação e da solidariedade.

Nessa concepção, têm-se como princípios educativos: ligar teoria e prática, combinar métodos educativos e de capacitação, educar para o trabalho cooperativo, vincular educação e cultura, ensino de valores, modos de relação, incentivar a auto-organização dos estudantes, gerir democraticamente as escolas, criar coletivos didáticos, incentivar atividades de pesquisa, associar interesses individuais e coletivos.

A observação aos princípios da educação cooperativa resgata os valores da cooperação e da solidariedade, esquecidos, ou simplesmente, deixados de lado pelo capitalismo. Expressões simplistas, mas, que constituem os pilares para a sustentabilidade. O que segundo Boff (1999), é exigência para o ambiente da vida humana socialmente integrada e justa, ecologicamente equilibrada, economicamente viável e, por último, um ambiente duradouro.

Na sócio-economia solidária a integração da vida vai além da integração pelo trabalho, mesmo que este seja a base integradora, porque é através dele que são produzidas as condições de subsistência e as demais condições que compõem os meios sócio-culturais. Contudo, a Sócio-Economia Solidária alcança aspectos nas relações da vida cotidiana, como questões relativas à saúde, integrações educativas e de lazer, co-responsabilidade no cuidado com os espaços e relações da vida comunitária.

Nesse sentido, a Sócio-Economia Solidária complementa a EJA com um aspecto novo ao criar possibilidades de produção pela organização

do trabalho, desenvolvendo empreendimentos econômicos solidários, e interage com a EJA em outros aspectos da vida comunitária, como os acima mencionados, porque a solidariedade alcança todas as coisas relativas à vida humana e nas relações com outras formas de vida.

Quando se observa com um olhar afetivo, ético, político e epistemologicamente orientado, encontram-se muitas relações e interações possíveis entre EJA e Sócio-Economia Solidária, sem ter qualquer perspectiva de uma sobrepor-se à outra, pelo contrário, ambas combinam-se pelas relações de complementaridade. O que pode ocorrer, no campo da ação, é de ora uma ser ponto de partida, ora outra, mas sem perder de vista que a partir de um determinado momento, ambas passam a estabelecer, dialogicamente, interações complementares importantes.

Muito já se tem discutido nas academias, instituições de ensino formal, até mesmo nos movimentos sociais e meios populares a respeito da exigência de superar, na prática, os modelos da educação bancária e meramente ilustrativa. Essas perspectivas educacionais sempre tiveram como intenção projetar os indivíduos humanos num horizonte cultural fundado na retórica, formalmente eficientes e ou na perspectiva do tecnicismo eficiente, contudo distanciados dos horizontes onde a vida acontece na sua contingência e complexidade¹. Esse distanciamento não só não incentivou como também dificultou processos de interações reflexivo-organizativas, com possibilidades de construir processos de vida social, econômica, ambiental e culturalmente orientadas para a integração dos saberes com as diversas formas de manifestações da vida, a partir da realidade local, em diálogo com as implicações globais, considerando as potencialidades naturais e humanas, sem dicotomizá-las. Entende-se então que, quando se referencia o local, não se pretende afirmar seu isolamento, tampouco seu fechamento, pretende-se apenas reivindicar respeito pelo ponto de partida, a partir do qual a vida se expande pelas leituras, relações e diálogos.

Referências Bibliográficas

ARRUDA, Marcos. *Socioeconomia Solidária: Construindo a Democracia Econômica*. In: Série: Semeando Socioeconomia – nº 2, outubro, 2000. Disponível em: <<http://www.pacs.org.br/Semeando/Semeando2.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2007.

BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

_____. *Ethos Mundial: um consenso mínimo entre os humanos*. Brasília: Letraviva, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *Educação com prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

MOURA, Abdalaziz de. *Princípios e fundamentos da proposta Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável – Peads: uma proposta que revoluciona o papel da Escola diante das pessoas, da sociedade e do mundo*. Glória de Gaita-PE: Serviço de Tecnologia Alternativa, 2003.

PENA-VEIGA, Alfredo; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do (Orgs.). *O Pensar Complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade*. Rio de Janeiro: Gramond, 1999.

SINGER, Paul. A Economia Solidária como Ato Pedagógico. In: KRUPPA, Sonia M. P. *Economia Solidária e Educação de Jovens e Adultos*. Brasília-DF: Ministério da Educação/INEP, 2005.

TÉVOÉDJRÉ, Albert. *A Pobreza, Riqueza dos Povos: transformação pela solidariedade*. Tradução de Reinaldo Matias Fleuri; Prefácio de D. Hélder Câmara; Petrópolis-Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

ZART, Laudemir Luiz (Org). *Educação e Sócio-Economia Solidária:*

paradigmas de conhecimento e de sociedade. Cáceres-MT: UNEMAT Editora, 2004, Vol. 1.